



“Aqui vem à tona o dilema do movimento feminista: para realmente suplantar o patriarcado, ele teria de pôr radicalmente em questão todo o modo de produção moderno; não no sentido, claro, de uma idealização retrógrada das relações agrárias, mas como exigência de uma forma de organização fundamentalmente diversa das forças produtivas modernas. Enquanto a racionalidade destrutiva e "masculina" da economia empresarial não for rompida, serão também perpetuadas as formas de atividade e as pseudo-qualidades "femininas" definidas como inferiores e dissociadas na esfera privada. Só para além da divisão estrutural entre uma "lógica do dinheiro", de um lado, e uma "falta de lógica" da vida doméstica, da dedicação pessoal e da emotividade, de outro, se poderia conseguir uma relação emancipatória entre homens e mulheres.”

Robert Kurz
Virtudes Femininas

manifesto da mulher militante libertária



Manifesto da Mulher Militante Libertária

*"Os maiores avanços na civilização
são processos nos quais as sociedades em que eles ocorrem
ficam arruinadas."*

Alfred North Whitehead



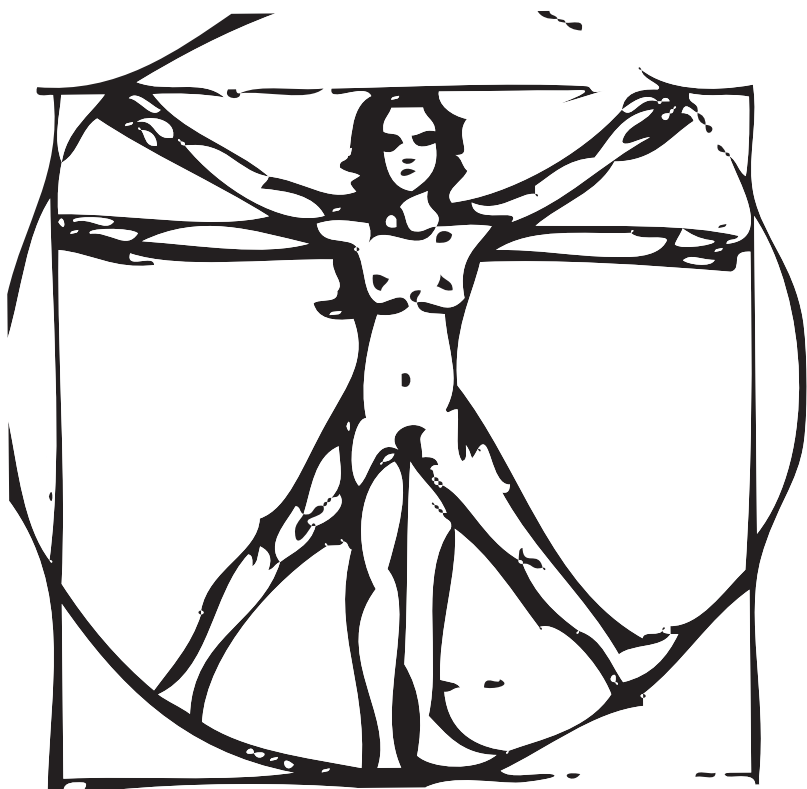
*esta obra não possui direitos autorais,
pode e deve ser alterada e reproduzida
livremente, no todo ou em partes.*



edições hakhon é um projeto independente, autônomo, livre e autogestionado que visa levantar questionamentos aos padrões da sociedade e propagar assuntos de interesse libertário.

you can also collaborate with this project by suggesting or providing texts for new publications through hakhon@riseup.net or we.riseup.net/edicoeshakhon





**esta publicação é dedicada a todas ativistas
anarquistas e anti-capitalistas pela coragem
e resiliência ao deslegitimar ações sexistas
dentro dos espaços de militância**

machistas, do século XXI vocês não passarão.



Esptirina Martins foi uma militante anarquista brasileira do início do século XX. Aos 16 anos a militante carregou escondido em um buquê de flores um artefato explosivo que foi jogado contra a cavalaria da polícia num enfrentamento contra operáries na greve geral de 1917, no Rio Grande do Sul. O episódio ficou conhecido como "A batalha da Várzea".

para mais informações:

<https://apoiamutua.milharal.org>
<https://materialfeminista.milharal.org>
<http://transfeminismo.com>
<http://blogueirasfeministas.com>
<http://blogueirasnegras.org>

Que raios aconteceu com a porra da igualdade? Como foi que alguns “ismos” se tornaram mais importante que outros, você se pergunta? “Como ser maneiro na cena política, e manter tanto privilégio quanto for possível” (busque agora na sua livraria corporativa mais próxima).

É triste quando chega ao ponto em que nós não queremos mais pensar em ninguém mais além de nós mesmas ou no status quo P.C. O que me traz de novo à conclusão de que todos esses homens ‘feministas’, que se preocupam tão amavelmente com as mulheres (ou ao menos em fodê-las), até que isso afete seu privilégio, se importam. Que eu desafio os AUTO-PROCLAMADOS homens anti-sexistas a realmente pensar sobre, quão longe as palavras que eles falam tão bem, irão talvez tentar perguntar a seus-suas melhores amigas ou amantes quão sexistas eles são.

Esse artigo ofendeu você já? Você usa seu conhecimento da opressão de outros para fazer uma mudança ou apenas para causar boa impressão? Você se sente desafiado quando uma mulher fala? Já supôs que é ok tocar alguém? Já se incomodou quando uma mulher pediu que você confronte sua merda sexista? ok, foda-se, você escolheu o termo ‘revolucionário’, não eu.

Até que nós começemos a ver a nós mesmas como o problema (como parte do problema), e até que tenhamos realmente começado a falar e nos escutar sobre nossos problemas e trabalhar neles, a mudança revolucionária permanecerá sempre como um sonho distante.

Então a última questão que fica, quantos artigos levam para que homens comecem a trabalhar na sua merda? Não está você cansada de escutar e ler sobre isso (se eles sequer tomaram algum tempo nisso)?

Talvez Smith e Wesson* façam um trabalho melhor??

Ao menos parem de considerarem-se revolucionários. VOCÊ NÃO É MEU CAMARADA.

publicado na revista anarquista ‘Profane Existence’

* Esse é um slogan e ao mesmo tempo, uma marca de armas de fogo.

MANIFESTO DA MULHER MILITANTE LIBERTÁRIA

O feminismo nasceu no século XIX, desde lá difundiu suas variadas correntes e tendências, mas sempre reivindicando a supressão das desigualdades de gênero das quais as mulheres são vítimas na nossa sociedade patriarcal. Algumas correntes feministas têm sido mais amplas que outras, abrangendo a questão dxs transexuais, travestis, transgênero, etc, porém com um inimigo comum: o machismo. Duas coisas que precisamos ressaltar nessa leitura: a primeira é que, neste Manifesto, nos utilizaremos a nomenclatura “mulher/menina”, mesmo sabendo que o papel social feminino no qual estaremos insistindo pode facilmente pertencer a várixs seres “não-homens” da sociedade, todxs vítimas do machismo; a segunda é que, aqui, falaremos de questões sociais, de estruturas políticas, sim, mas falaremos sobretudo de sentimentos, psicologias e comportamentos. Você, mulher feminista, militante, libertária, quais são os seus sentimentos nos espaços de ação militante?

Fazendo uma análise mais geral, começaremos questionando a tão buscada igualdade entre homens e mulheres e a inserção delas no mercado de trabalho como símbolo de vitória. Que igualdade é essa? Sabemos que o nosso sistema capitalista separou muito bem o âmbito empresarial/comercial em oposição ao doméstico, este, sem dúvida, é considerado de menos valor, é visto como o lugar das atividades “sem lógica”, enquanto que os trabalhos capitalizados são vistos como os realmente produtivos, os que “movem a sociedade”, trabalhos estes em que predomina a presença masculina – e, diga-se de passagem, por mais que a mulher esteja nessa busca por ocupar os cargos da vida pública, ainda é vítima de preconceitos e de salários mais baixos. O mais importante disso tudo é percebermos que a permanência de valores patriarcais não é um mero resquício do passado que perdura nos dias de hoje. Esse sistema de produção capitalista reproduz e valoriza aspectos culturais e comportamentais nos quais os homens viraram especialistas. Esses aspectos comportamentais nós chamaremos de racionalidade masculina.

Para superar o patriarcado, é preciso transformar este sistema de produção! Não é por acaso que as mulheres saem para trabalhar fora e outra mulher ocupa o seu lugar como empregada doméstica ou babá. A dimensão do cuidado, das atividades que aos olhos do capitalismo são inferiores, têm sido

Então, dizem que o trabalho de uma mulher nunca termina, e aqui estou eu escrevendo um artigo que um homem deveria estar escrevendo. Começo a achar que isso é verdade mesmo.

As mulheres têm sido analisadas, faladas, contidas, ridicularizadas, caladas, usadas, abusadas, e estupradas por nossos ‘irmãos’ homens auto-intitulados anarquistas e auto-proclamados revolucionários. Todos, homens anti-sexistas prontos para pular em cima de um comentário sexista de alguma outra pessoa quando estão em um agrupamento anarquista, mas deixarão escapar quando não estiverem perto de seus amigos não tão ‘P.C.’ (politicamente corretos). Os homens que vocalizam sua agressão contra violadores, mas quando suas amantes dizem não, coerção é simples, e mas isso não é um estupro, simplesmente porque ele se diz ANTI-SEXISTA. Há homens que usam conversa anti-sexista para pegar mulher. Os homens que desafiam os outros a chamarem atenção sobre suas merdas e quando alguém o faz, ligam o modo defesa e ficam horrorizados por alguém lhe dizer que estava fazendo merda, ao invés de pensar sobre a situação e começar a trabalhar nela.

Todas nós sabemos que todos homens são sexistas, assim como todos brancos são racistas. Por conta da estruturação da sociedade pessoas brancas ainda possuem privilégios sobre pessoas de cor e homens ainda possuem privilégio sobre mulheres, e uma vez nascida neste processo é incrivelmente difícil de quebrá-lo, especialmente quando você esquece de olhar pra si mesma. Uma vez que homens definem a si mesmos como “REVOLUCIONARIO”, eles pensam que sabem que o problema existe, mas que não serão mais parte dele, o qual eles são.

Como sempre antes e agora, sexismo é um tema secundário. Parece que tudo está sendo deixado em uma ordem de importância – feita por quem? – É algo como “Primeiro vamos lutar contra o racismo, porque já sabemos surrar os nazis, e então depois talvez vamos pensar sobre sexismo, capitalismo, ou homofobia, qualquer um destes que menos afete nossos privilégios. Depois disso depois que houver tempo, e não mais cerveja, podemos ler sobre especismo, etarismo, ou incapacidade. Se nós somos legais nós vamos aprender um pouco sobre tudo isso para aprimorar nossas habilidades para o próximo encontro.”

UMA MENSAGEM PARA HOMENS ‘ANARQUISTAS’

ocupações de mulheres. E por isso o perigo está em, cada vez mais, medirem a capacidade feminina segundo o seu grau de inserção na esfera do trabalho capitalizado, pois, não necessariamente os homens estão ocupando os (en)cargos “não-produtivos”. O modelo de mulher não é mais a dengosa que não pensa, mas a “mulher ativa”, e, talvez, o tipo andrógino de mulher “de carreira”. A industrialização submeteu o indivíduo a determinado regime de exploração capitalista e exige-se da mulher que entre nesse cenário por, obviamente, necessidade de mão-de-obra para o capital e, perigosamente, sob o argumento de igualdade. E mais: mesmo se os homens resolverem se equiparar às mulheres, assim como elas estão buscando ativamente os típicos cargos masculinos, isso é pouco. Não nos sentimos representadas por este sistema capitalista!

Nessa igualdade, nós não queremos entrar! O que acontece, então, é uma exigência subliminar para as mulheres abandonarem a dita sensibilidade e adentrarem no mundo da conclamada produção. Nós, militantes anti-capitalistas, sabemos que este é um mecanismo próprio do sistema. Porém, companheirxs, o problema que queremos denunciar aqui, trata-se da reprodução de processos similares no mundo militante. Como assim? Desde sempre, os homens que “fazem política”. Os cargos políticos estão, aos poucos, sendo ocupados por mulheres - só agora tivemos a primeira presidenta no Brasil. Os espaços de militância são nitidamente protagonizados por homens. E vem sendo sempre assim, as mulheres esforçando-se para buscar as posições que geralmente são masculinas, com muita garra, porém, posições que foram inventadas por homens. Alguém já parou pra pensar que inventou a presidência?

É preciso reinventar o fazer militante! Frequentemente, vemos nos nossos espaços de vivência política as conhecidas discussões acaloradas em que os homens dominam a fala. Quem é mulher, sabe. Elas, silenciosas, sentem-se compelidas a participar com igual peso, buscando obter perfil comportamental que equivalha ao masculino. E permanecem nesse conflito interno, publicamente constrangedor. Mas ninguém parou pra pensar se esse espaço, esse formato, essa pauta, foram invenções de mulheres também. Do mesmo jeito que as mulheres vêm sendo forçadas a entrar no mercado de trabalho, elas, à medida que vão se (re)conhecendo enquanto sujeitos políticos e sentindo-se capazes de lutar, inserem-se nas movimentações juvenis militantes que já têm uma lógica

pré-estabelecida de operação, de comportamento e de visão. Podemos afirmar, agora, que são espaços altamente dominados pela racionalidade masculina.

Nosso silêncio representa a nossa fala! Pensando nesse contexto cultural, voltemos ao silêncio feminino. Elas ficam em silêncio porque não têm o que oferecer ao grupo, ou porque não se encaixam com determinada lógica? Queremos destacar aqui o aspecto da humildade, da escuta e da auto-crítica, perfil comportamental pouco desenvolvido nos espaços militantes e, não por acaso, psicologia feminina desvalorizada, tal qual na esfera do trabalho produtivo. Devemos atentar que o silêncio feminino é algo representativo, é a prova de que este espaço não está adaptado a elas e que isso significa poder masculino. As mulheres silenciam muitas vezes porque as interações masculinas são tão prepotentes e clubistas que não há incentivo para nós. Aliás, não somos nós que não compactuamos com os homens, são eles que se negam a aprender conosco. Por isso, nós, mulheres feministas, não podemos sucumbir ao silêncio. Nós precisamos reconhecer o nosso valor, sem buscar uma “inspiração masculina”. É preciso nos darmos conta que sabemos, sim, o que pensar, o que fazer e o que falar, nem que isso seja simplesmente gritar!

As mulheres produziram e produzem cultura, sim! As “formas de saberes” do imaginário feminino ainda não possuem um peso equitativo comparadas às marcas masculinas de discurso e prática impregnadas nas nossas agrupações militantes. Aliás, a própria dicotomia “discurso (visto como teoria) versus prática” é interessante pra nós? Esse abismo entre o que dizemos e o que fazemos parece tão dicotômico como o doméstico versus vida pública, assim como a dicotomia homem versus mulher. Essas dicotomias são armadilhas de uma sociedade fragmentada, maniqueísta, positivista, cartesiana, sexista. Esses binarismos acabam criando aberrações, como nossos companheiros militantes que se dizem libertários, sobretudo pró-feministas, mas acabam reproduzindo comportamentos misóginos*. Por exemplo, não reconhecem as estratégias que precisamos criar para rompermos com nossas famílias ao irmos para as ruas, pois sabemos o quanto a pressão por uma vida regrada é maior em nós, meninas. Tampouco se permitem experienciar a prática que acumulamos com nossas vivências, como a sensibilidade, o acolhimento, a tolerância, o cuidado e a preocupação com a segurança emocional do grupo, coisa que é altamente desprezada pelos homens, mas que acabam procurando nas suas

namoradas/esposas. O fortalecimento emocional/afetivo que eles buscam de forma individual(ista), nós somos capazes de construir como ação coletiva.

As mulheres devem se tornar “agentes criadoras”, ao invés de apenas agentes operativas! Nos coletivos militantes, é muito comum os homens empreenderem e as mulheres “pegarem tarefas”. É preciso darmos vazão aos nossos anseios, aliás, é preciso que nós, mulheres, tomemos a frente das iniciativas e sejamos criativas. Para além de sermos criativas, precisamos aprender a reconhecer a criatividade umas das outras. Incentivar a cooperação feminina em vez de lutar, ou até mesmo competir, por uma aprovação masculina. Compartilhar entre nós aquilo que tanto ocultamos na busca por autoafirmação. No universo militante, o estereótipo de mulher ativa e combativa é a guerrilheira. Mas nem sempre isso faz parte dos nossos anseios, das nossas necessidades - o que não nos impede de sermos agressivas e impositivas quando nos violentam. Vale a pena lembrar que, assim como a socialização é diferente para meninos e meninas, assim deve ser a exposição de necessidades e diferenças perante o coletivo. Metaforicamente, as mulheres estão na busca para usar calças, mas os homens não estão na busca para usar saias. A subjetividade feminina ainda é desconhecida no campo do fazer político, de tal modo que esse papo todo parece muito abstrato. Por isso mesmo, ele não está acabado, é um convite à reflexão e um chamado à transformação. Mulheres libertárias, unam-se, agrupem-se mesmo que seja para compartilhar desconfortos. Fortaleçam-se e criem uma só voz! Você, homem ou mulher, antes de pedir a uma garota que fale ou participe, experimente fazer a pergunta “você gosta de estar aqui?”

Contra o capitalismo, sejamos libertárixs em todos os sentidos.

***Misoginia é o ódio, desprezo ou repulsa ao gênero feminino e às características a ele associadas.**